

# A força da imaginação

Michel de Montaigne

Tradução de Sérgio Milliet

*"Uma imaginação fortemente preocupada com um acontecimento pode provocá-lo"*, dizem os clérigos.

Sou desses sobre os quais a imaginação tem um grande domínio. Todos são atingidos por ela, mas alguns há que ela derruba. Ela me persegue e eu me esforço por fugir na impossibilidade de lhe resistir. Viveria sempre, de bom grado, na companhia de pessoas sadias e de bom humor; a vista das angústias alheias influi fisicamente em mim de maneira penosa, e não raro sofro de sentir que alguém sofre. Diante de quem tosse continuamente sinto igual irritação nos pulmões e brônquios. Sou levado a visitar menos os doentes pelos quais me interesso, e preciso ver, do que os outros, os quais não considero tanto e visito ocasionalmente. Pego a doença que estudo e semeio em mim. Não acho estranho que a imaginação dê febre e mesmo provoque a morte nos que não a controlam.

Simon Thomas foi um grande médico em seu tempo. Lembro-me de que com ele me encontrei em Tolosa em casa de um ancião rico e doente do peito. Entre outros meios de cura, aconselhou-me Simon Thomas a fazer com que eu me agradasse em sua companhia, pois em contemplando o frescor de meu rosto, concentrando o pensamento na alegria e no vigor que se irradiavam de meu ser, então em plena adolescência, impregnando todos os seus sentidos dessa exuberância de saúde que havia em mim, poderia melhorar seu estado de saúde habitual. Omitia de dizer, entretanto, que o meu talvez se ressentisse da experiência.

Galo Víbio dedicou-se de tal modo ao estudo das causas e efeitos da loucura que perdeu a razão e não mais a recobrou. Podia vangloriar-se de se ter tornado louco por excesso de sabedoria. Em certos condenados o pavor adianta-se à ação do carrasco, como se viu no caso do condenado a quem desvendaram os olhos no patíbulo a fim

de lhe comunicarem ter sido agraciado. Ao tirarem a venda verificaram que já morrera, fulminado pela sua imaginação. Suamos e trememos, empalidecemos e coramos sob a sua influência. Em leito de pluma agita-nos o corpo a ponto, por vezes, de nos levar à morte; e tanto inflama a fogosa mocidade que ocorre aos jovens satisfazerem em sonho seus desejos amorosos.

Embora não seja raro ver-se, à noite, aparecerem cornos em quem não os tinha ao deitar-se, o caso de Cippus, rei da Itália, é particularmente notável. Assistira durante o dia a uma luta de touros e se interessara tanto que a noite o que pela força da imaginação aconteceu efetivamente. O amor deu ao filho de Cresos a voz que a natureza lhe recusara. Antíoco contraiu uma febre em consequência da impressão profunda que lhe causou a beleza de Estratonice. Plínio afirma que viu Lúcio Cossúcio mudar de sexo e se tornar homem no dia de suas núpcias. Pontano e outros relatam semelhantes metamorfoses ocorridas na Itália em séculos passados; em virtude de violento desejo dele próprio e de sua mãe, Ífis: "pagou como homem as promessas que fizera quando mulher".

De passagem por Virtry-le-François foi-me dado ver um rapaz a quem o bispo de Soissons dera o nome de Germain na confirmação, e que todos os habitantes do lugar haviam tratado por Maria, como mulher, até a idade de vinte e dois anos. Quando o conheci era já velho, muito barbudo e não se casara. Explicou-me que, em consequência de esforço feito para saltar, ocorrera o aparecimento de seus órgãos viris. É ainda de uso na região cantarem as moças uma canção em que se recomenda não fazerem grandes exercícios para não lhes acontecer tornarem-se rapazes como Maria-Germano. Não é tão extraordinário assim o caso, e essa espécie de acidente se verifica não raro. Pode-se observar entretanto que a ação da imaginação em tais casos consiste em uma contínua obsessão e excitação que levam à mudança definitiva de sexo como solução mais cômoda e eficiente.

Há quem atribua à imaginação os estigmas do rei Dagoberto e de São Francisco. Diz-se também que sob a sua influência pode o corpo humano erguer-se por vezes do seu lugar. Paracelso conta que certo padre se alçava a um êxtase tal que durante longo tempo permanecia sem respirar e sem sensibilidade. Santo Agostinho cita outro que simplesmente, ao ouvir lamentações ou gemidos, desmaiava imediatamente e tão fora de si ficava que não acordava do desmaio por mais que o sacudissem ou queimassem. Voltando a si, dizia ter percebido realmente vozes, mas longínquas, e só então enxergava suas queimaduras e chagas. E de que não se tratava de impostura

voluntária, tinha-se a prova no fato da perda de pulso e de hálito. É verossímil que seja por efeito da imaginação, agindo de preferência sobre as almas da gente do povo, inclinada à credulidade, que as visões, os milagres, os encantamentos e os fatos sobrenaturais encontram quem neles mais acredite. Tanto e tão bem os doutrinaram que chegam a pensar verem as coisas que em verdade não vêem.

Creio também que essas falhas divertidas verificáveis na consumação do casamento e que constituem um obcecante entrave a preocupar a sociedade, não passam, no fundo, de um efeito da apreensão e timidez. Sei de fonte segura de alguém, por quem respondo como por mim mesmo e não pode ser suspeitado de fraqueza nem de credulidade, que ouviu um de seus companheiros contar a desventura que o atingira no momento menos desejado. A narrativa veio-lhe à memória em idêntica circunstância e foi de tal ordem sua apreensão, sua imaginação se viu tão atingida por esse infortúnio que lhe aconteceu então –, e de outras feitas – a mesma coisa, a má lembrança perseguindo-o sem cessar. Para obviar a tão estranha situação, imaginou um meio não menos estranho: tomando a dianteira, antes de mais nada confessava a possibilidade do malogro. Assim se aliviava a contenção de seu espírito e dessa maneira, em se achando preparado para o pior, muito menos o preocupava a idéia. Entregando-se então sua companheira, sem forçá-lo nem nada exigir dele, viu-se totalmente curado e liberto de sua obsessão. Quem uma vez praticou ato de virilidade, nada mais tem a temer, senão por justa causa de esgotamento. Semelhante acidente só é de recear-se, em geral, em circunstâncias em que nosso espírito se acha sobreexcitado por um desejo imoderado a que se alia o respeito, principalmente quando os encontros são imprevistos e rápidos. Não nos podemos então recuperar. Conheço alguém, semi-saciado aliás dos prazeres desse gênero, e em quem o contato da mulher bastava para lhe acalmar o ardor, que deve a essa impotência ter conservado apesar da idade suas funções sexuais. Conheço outro ao qual bastou que um amigo assegurasse possuir um talismã contra tais encantamentos para curá-lo de suas fraquezas. A coisa merece ser contada.

Certo conde, de mui boa família, e muito meu amigo, desposou uma bela mulher que fora objeto das assiduidades de alguém que assistia ao casamento. Isso inquietou bastante seus amigos e em particular uma velha senhora, sua parenta, que presidia às núpcias em sua própria casa. Ela acreditava nesses enfeitiçamentos e me comunicou seu temor de que o indivíduo usasse de tais meios contra o noivo. Respondi-lhe que tinha possibilidade de evitar o malefício e pedi-lhe que confiasse em mim. Possuía por acaso, no

cofre, uma pequena moeda de ouro muito delgada, com que me presenteara Jacques Pelletier quando morava comigo. Nessa moeda havia gravados alguns signos do zodíaco com o fim de constituir uma defesa contra a insolação e curar as dores de cabeça. Devia ser ela colocada na sutura do crânio e mantida com a ajuda de uma fita que se amarrava ao queixo. Tolice igual às precedentes! Pensei em tirar partido e disse ao conde que, embora ameaçado como os outros, e com inimigo capaz de tudo tentar, eu lhe podia ajudar. Que fosse dormir sem medo, pois eu estava em condições de prestar-lhe um serviço de amigo e até de realizar um milagre por ele, contanto que se comprometesse a guardar fielmente o segredo. Devia apenas, à noite, quando lhe trouxessem o *réveillon*, comunicar-me por um sinal combinado que as coisas iam mal. Tivera ele o espírito tão chocado e os ouvidos tão cheios, que se prendera realmente às perturbações de sua imaginação e fez o sinal na hora indicada. Disse-lhe então em voz baixa que se levantasse como para sair, se apoderasse, como por brincadeira, de meu chambre (tínhamos mais ou menos a mesma estatura) o vestisse e conservasse até haver executado o resto de minha receita, a saber: quando tivéssemos saído, se retirasse também para uma necessidade, pronunciasse três vezes tais ou quais palavras e fizesse os movimentos ordenados, devendo cada vez cingir a fita que eu lhe dera, aplicando cuidadosamente sobre os rins a moeda a ela pregada. E amarrando-a da última vez de maneira a não se desprender nem mexer, voltasse tranqüilamente ao leito sem esquecer de estender o chambre de modo a cobri-los os dois. Essas macaquices constituíam o ponto essencial da coisa, pois tão estranhos meios não podem senão proceder em nosso pensamento, de uma ciência difícil de penetrar. E por sua insanidade mesma adquirem importância e consideração. Em suma, é certo que na circunstância em questão meu talismã atuou mais a favor de Vênus que do sol. Cedi nessa ocasião a um impulso jocoso e de curiosidade que não me é peculiar; sou, ao contrário, inimigo dessas tolices sutis e fingidas. É um gênero que não me apetece, embora o tenha empregado então, de modo recreativo por certo mas também proveitoso. Mas se o fato em si não é condenável, a atitude o é.

Amásis, rei do Egito, desposara Laódice, uma bela moça grega. E ele que sempre fora excelente companheiro viu-se impossibilitado de tê-la. Atribuindo o fato a uma qualquer mandinga dela, ameaçou-a de morte. Como ocorre com tudo o que se relaciona com a imaginação, ela insistiu para que recorresse à devoção a fim de fazer cessar tal estado de coisas. E tendo prometido mundos e fundos à deusa, achou-se ele divinamente curado já na primeira noite após suas preces e seus sacrifícios. Isso mostra quanto erram as mulheres

que nos acolhem com atitudes afetadas, bulhentas ou hostis, pois assim agindo nos inibem ao mesmo tempo que nos atizam. A nora de Pitágoras dizia que a mulher que dorme com um homem deve, ao tirar a saia, despir-se do pudor, e somente o reencontrar ao vestir-se. O homem que em suas aventuras sofreu algumas dessas decepções perde facilmente a confiança em si. Quem foi vítima uma vez de sua imaginação e passou por essa vergonha (a qual se verifica quase sempre no início de uma ligação, porque o desejo é mais vivo e ardente e porque, desejoso de impressionar favoravelmente, teme o malogro) em tendo mal começado ressentia-se do despeito que experimentou e corre o risco de ver repetir-se a desventura daí por diante.

Os casados, que não carecem de tempo, não se devem apressar nem mesmo tentar entrar em relações, se para tanto não se acham inteiramente preparados. É preferível, no estado de excitação e febre em que vivem então, adiar a inauguração do leito nupcial, por desagradável que seja, e aguardar uma ocasião propícia, a correr o risco de um malogro desesperante. Antes da posse, quem tenha motivos para duvidar de si, deve de quando em quando fazer algumas experiências, provocar, sem insistir, até alcançar maior segurança. Quanto aos que sabem ter órgãos obedientes, evitem simplesmente de ceder demasiado à fantasia. Com razão observam quanto esse órgão é independente, excitando-se muitas vezes inoportunamente e falhando de outras feitas; colocando-se em oposição direta à nossa vontade, recusando-se peremptoriamente a atender às nossas solicitações mentais ou físicas. Se entretanto tomassem como pretexto essa independência para condená-lo e me cumprisse defendê-lo, eu insinuaria caber parte da responsabilidade aos outros órgãos seus companheiros, os quais invejando sua importância e sua agradável destinação devem ter conspirado, sublevando todo mundo contra ele, imputando-lhe maldosamente uma culpa de que tampouco não estão isentos. Pois, pergunto, haverá uma só parte de nosso corpo que não se recuse às vezes a fazer o que deve ou não haja contra nossa vontade? Cada uma dessas partes obedece a impulsos próprios, que as acordam ou adormecem sem intervenção nossa. Quantas vezes os movimentos involuntários do nosso rosto revelam pensamentos que desejaríamos conservar secretos! A causa da independência desse órgão pode de igual modo atuar sobre o coração, os pulmões, o pulso. A vista de um objeto agradável acende imperceptivelmente em nós a chama de uma emoção febril. Mas serão somente esses músculos e essas veias que se retesam e se distendem independentemente de nossa vontade e até de nosso pensamento? Não mandamos nossos cabelos se eriçarem, nossa pele arrepiar de desejo ou medo. Nossas

mãos têm às vezes movimentos inconscientes; a língua paralisa-se e a voz se extingue em certos momentos. Quando não temos nada para comer e a isso não gostaríamos de ser incitados, o apetite exige que comamos e bebamos, tal qual o outro apetite, e se acalma ou se irrita, quando bem entende.

E não têm, os órgãos pelos quais se alivia o ventre, movimentos de retração e dilatação como os que concorrem para o funcionamento das partes genitais? Para demonstrar o poder de nossa vontade, alude Santo Agostinho a alguém que produzia, a seu bel-prazer, evacuações sonoras de gases intestinais. João Luís Vives, comentador de Santo Agostinho, acrescenta o exemplo de um indivíduo de seu tempo que a tal possibilidade juntava a de dar a esses ruídos o tom que pediam. Estes exemplos, entretanto, não constituem prova irrefutável de obediência absoluta dessa parte do corpo em geral assaz indiscreta e indisciplinada. Conheço uma pessoa em quem essa parte do corpo é tão turbulenta e pouco tratável que há quarenta anos vem ela sendo atormentada por não poder conter-se. Sua evacuação é por assim dizer contínua, sem acalmias, e assim parece dever continuar até a morte. E praza a Deus que somente em histórias tenha conhecimento dessa recusa do ventre em se aliviar, capaz de levar-nos a uma morte dolorosa. E oxalá nos tivesse Ele permitido, como fez o imperador que autorizou seus convivas a darem livre expansão à natureza. Com muito mais razão deveríamos censurar nossa própria vontade, cuja autoridade reivindicamos pelo espírito de rebelião, e seus desregramentos e desobediência. Quer ela sempre o que desejaríamos que quisesse? Não quer ela muitas vezes e em prejuízo nosso o que lhe proibimos querer? Deixa-se ela sempre conduzir pelas conclusões de nossa razão?

Finalmente na defesa que faço desse órgão, direi: quanto ao que lhe censuram, a causa está inseparavelmente ligada à de outro órgão seu associado, e no entanto só o meu cliente é incriminado, porque há contra ele argumentos e fatos que não se podem invocar contra o seu cúmplice, ao qual apenas se há de culpar de provocações por vezes importunas. Jamais de falhar. Ademais essas provocações são discretas e tranqüilas.

Como quer que seja, por mais que discutam e sentenciem, advogados e juízes, não deixará a natureza de seguir seu caminho. Se dotou esse órgão de algum privilégio especial, teve razão para fazê-lo, pois é o único a perpetuar a imortalidade dos mortais, obra divina, na opinião de Sócrates; e é ele próprio amos, desejo de imortalidade e demônio imortal.

Graças à imaginação, tal indivíduo escrofuloso deixa em França suas escrófulas, enquanto seu companheiro volta com elas para a Espanha. Eis por que em tais assuntos tem-se por hábito preparar o espírito da pessoa. Por que os médicos, antes de operar, procuram convencer o doente da excelência de uma terapêutica em que eles próprios não acreditam, se não é para que a imaginação supra a ineficiência prevista do remédio? Não esquecem o que disse um de seus mestres, a saber, que certos doentes saram à simples vista dos apetrechos operatórios. Vejo confirmado esse defeito da imaginação no fato que me contou um empregado de farmácia de meu falecido pai, rapaz simples e originário da Suíça, país de gente séria e pouco inclinada à mentira. Durante muitos anos servira um negociante de Tolosa, homem doentio, sofrendo da bexiga, razão pela qual tomava freqüentes cristéis com receitas que pedia aos médicos quando sentia agravar-se a enfermidade. Traziam a lavagem com o cerimonial de praxe; ele verificava se não era demasiado quente e deitava-se de lado. Operavam então como normalmente mas sem procederem à injeção do líquido. Retirava-se o farmacêutico e o paciente, acomodado como se o cristel tivesse efeito que se experimenta em semelhante caso.

Minha testemunha jurou-me que a fim de reduzir a despesa (pois o cliente pagava como se houvesse recebido a lavagem) a mulher do doente inventava valer-se de água morna unicamente, mas sempre o resultado denunciava a trapaça e era preciso tornar ao primeiro método.

Uma mulher, pensando ter engolido um alfinete com o pão, gritava e se atormentava como se sentisse uma dor insuportável na garganta onde imaginava se houvesse ele espetado. Como não havia nem inchaço nem qualquer outro sinal externo, uma pessoa sensata julgou se tratasse de um efeito da imaginação por se ter a mulher provavelmente arranhado com a casca do pão. Forçou-a a vomitar e, no que devolveu, jogou às escondidas um alfinete retorcido. Imaginando a vítima fosse o alfinete engolido, passou-lhe de imediato a dor.

Sei de um fidalgo que se vangloriou por brincadeira, três ou quatro dias após haver oferecido um alegre jantar, de ter dado gato em vez de lebre a seus convivas. Uma moça que estivera presente ficou tão horrorizada que veio a ter febre, e um tão grande desarranjo estomacal que não foi possível salvá-la. Tudo isso pode ser atribuído a uma íntima ligação do espírito e do corpo trocando suas impressões. Outra coisa se observa quando nossa imaginação atua não somente sobre nós mesmos mas também sobre os outros. Assim como a doença de meu corpo se transmite a outro corpo, o que ocorre nos casos de peste,

varíola ou infecções da vista, "olhando olhos doentes ficam doentes os sãos; muitas doenças desse modo se comunicam de um corpo a outro", assim também a imaginação fortemente excitada pode produzir emanações que atuem sobre outros seres. A antigüidade oferece-nos o exemplo das mulheres da Cítia que, indignadas e irritadas contra alguém, o matavam unicamente com a força de seu olhar. As tartarugas e os avestruzes chocam seus ovos fixando-os simplesmente, o que induz a supor possuam seus olhos, em certo grau, a faculdade de emitir e propulsionar algum fluído. Quanto aos feiticeiro, dizem-nos providos de olhos insultantes e nocivos. "Não sei que olhos fascinam nossas tenras ovelhas". Mas eu não acredito no poder dos que se dizem mágicos. Como quer que seja, observa-se o fato de mulheres grávidas imprimirem aos filhos que trazem no ventre a marca de suas fantasias. Assim se viu na criança engendrada pelo Mouro. E a Carlos, rei da Boêmia e imperador, foi apresentada uma menina das cercanias de Pisa, peluda e hirsuta, cuja mãe atribuía o fato a uma imagem de São João Batista pendurada junto a seu leito. Idênticos fenômenos se verificam entre os animais (como as ovelhas de Jacó, as perdizes e as lebres) que nas montanhas a neve torna brancos. Viu-se há tempos em minha casa um gato à espreita de um pássaro empoleirado no alto de uma árvore; olharam-se fixamente com intensidade durante alguns momentos em seguida o pássaro deixou-se cair, como se tivesse morrido, entre as patas do gato, o que se explica da própria imaginação do pássaro.

Os que se ocupam da caça com falcões conhecem a história de um falcoeiro, o qual apostava que pela simples força de seu olhar era capaz de fazer com que descesse a ele a ave de rapina; e o conseguia ao que dizem, mas não garanto, pois deixo a responsabilidade desses casos a quem os conta. As reflexões são minhas; apoiam-se na razão e não na experiência. cada qual acrescente aos meus os exemplos que conheça e quem não os tenha para juntar não imagine sejam estes os únicos, pois numerosos e variados são os fatos que se verificam. E se não os escolho bem, que outro os selecione. No estudo que faço de nossos costumes e paixões, os testemunhos fantasistas, desde que possíveis, valem como verdadeiros. Ocorridos ou não, em Roma ou em Paris, como João ou Pedro, mostram-nos sempre um aspecto que pode assumir a natureza humana e isso basta para que os utilize nestes comentários. Imaginários ou reais, tomo conhecimento deles e deles tiro proveito e, entre os diversos ensinamentos de uma mesma história, escolho para meu uso o mais notável e preciso. Há autores que procuram principalmente tornar conhecidos os fatos; eu, se pudesse, visaria



antes a deduzir deles as conseqüências que porventura comportem. Permita-se nas escolas que se admitam analogias ainda que não existam. Não vou tão longe e sou mais escrupuloso a esse respeito do que se fizesse história. Nos exemplos que aqui reproduzo, tirados do que li, ouvi, fiz, ou disse, evito alterar ou omitir os mais ínfimos e inúteis pormenores. Conscientemente não mudo uma vírgula; por ignorância não sei. A propósito, ponho-me a pensar às vezes como um teólogo, um filósofo e outros, gente de muita consciência e grande prudência, podem escrever história. Como podem controlar fatos que assentam apenas na crença popular, responder pelo pensamento de personagens que não conhecem e aceitar como dinheiro de contado suas conjecturas, quando hesitariam em testemunhar sob juramento diante da justiça a realidade de atos de que participaram vários indivíduos ainda que se verificassem na sua presença? E que não se arriscariam a responsabilizar-se de maneira absoluta por nenhuma pessoa de sua intimidade? Considero aliás menos perigoso escrever sobre coisas do passado que historiar os do presente, pois no primeiro caso não faz o escritor senão relatar acontecimentos pela autenticidade dos quais outros respondem. Muitos me incitam a escrever acerca de nossa época, considerando que a observo com menos paixão do que outros e a conheço por tê-la visto de perto e ter-me aproximado dos chefes dos diversos partidos. Mas ignoram que nem pela glória de Salústio eu o faria, inimigo declarado que sou de tudo o que é obrigação e exige assiduidade e constância. Nada é mais contrário a meu estilo do que uma narração seguida e longa; tenho o fôlego curto e a redação difícil. Não sei estabelecer um plano de composição, nem o desenvolver. E ignoro mais do que uma criança as expressões e os vocábulos relativos às coisas do comum. No entanto, pus-me a escrever o que sei dizer, adaptando o meu assunto às minhas forças. Se tomasse alguém por modelo e guia, poderia acontecer que não tivesse a possibilidade de acompanhá-lo. Ademais, livre como o sou naturalmente, teria emitido, acerca das coisas e das gentes, juízos que, na minha própria opinião e provavelmente com toda a razão, seriam injustificáveis e condenáveis.

Plutarco poderia dizer-nos que se os fatos por ele narrados em suas obras são todos inteiramente verdadeiros, cabe o mérito a quem lhos forneceu; mas se são úteis à posteridade e se apresentam de maneira a pôr em evidência a virtude, a si próprio os deve. Pouco importa seja um fato antigo contado deste ou daquele modo; há nisso menor perigo do que em uma receita errada.

[contato](#) [biblioteca](#) [discussões](#) [digressões](#) [ensaios](#) [rubaiyat](#) [contos](#) [textos](#) [poemas](#) [conexões](#) [fórum](#) [bate-papo](#)

